

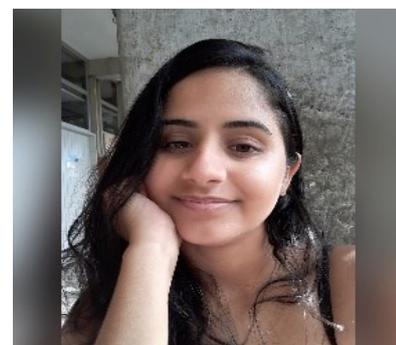
[www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24871](http://www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24871)

## Ouçá seus alunos

*“Tenhamos as cabeças abertas, mas não tão abertas ao ponto de nossos cérebros se desprenderem delas”.* (Richard Dawkins)

Desespero. Alívio. Amor. Essas são as palavras que definem como foi o meu Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental. Ele foi realizado na Escola Estadual Barão de Ceará Mirim, localizada na cidade de Ceará Mirim, no bairro Santa Águeda, em que boa parte dos alunos são de interiores da cidade. Essa escola a princípio não era minha primeira opção, mas devido ao fato dela ser ao lado da minha casa e também a mesma escola que meu irmão estudava, a escolhi para viver essa experiência um tanto inovadora. Mas será que tudo são flores? Acho que é praticamente impossível ouvir de um aluno de estágio que o período dele na escola foi completamente do jeito que ele imaginava ou que não aconteceu nada que o fizesse pensar em desistir de tudo aquilo. Minha turma de escolha foi o nono ano, pois eu queria ter a experiência de ministrar física e química na minha regência, e logo quando comecei eu já me dei super bem com a turma, eles foram tudo aquilo que um estagiário

esperava de uma turma e naquele momento posso dizer que meus olhos brilharam e eu senti uma esperança que conseguiria terminar o estágio somente com pontos positivos e boas experiências. Eu me dei bem com o nono ano e pretendia ficar apenas com essa turma e construir laços com cada aluno para despertar cada vez mais a vontade de ser professor. Mas eu estava muito enganada. Como eu entrei na escola no segundo período após as férias do meio do ano, eu dei de cara com vários problemas que conseguiram colocar todo o meu estágio de cabeça para baixo. Devido a diversos feriados durante o ano, eu não contava com o fato da escola ter inúmeros “impensados” na semana, eventos que coincidiam com os meus dias de aula e até problemas inesperados, como falta de água na escola. E aos poucos isso foi me desesperando, pois minha preocupação era se eu conseguiria terminar meu estágio a tempo. Meus pensamentos eram apenas que não ia conseguir, que nada daria certo, que tudo estava atrasado e realmente era essa a minha sensação até o meu último dia na escola. Como solução, acabei assumindo outra turma para suprir meus horários e foi ali



**Joanny Rayane da Silva Coutinho**

Graduanda em Ciências Biológicas pela UFRN, licenciatura. Futura parasitologista. A vida sem ciência é uma espécie de morte.

Orientadora de Estágio: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aline de Moura Mattos

que meu sentimento de desistência surgiu, pois eu estava de frente para uma turma que eu não tive contato nenhum e “do nada” eu estava assumindo as aulas. Minha sensação era que tinham jogado um balde de água fria em cima de mim, pois o oitavo ano que eu tinha acabado de assumir era totalmente o oposto do nono. Muitas aulas foram dadas pela metade, porque os alunos eram agitados demais e eu não estava conseguindo terminar um conteúdo como o planejado, sempre deixando para a próxima aula, já que perdia várias horas de aula tentando atrair a atenção deles. Parece que a turma sabia do meu desespero, pois eu só sentia olhares de julgamento e era como se ouvisse seus pensamentos “*ela não devia estar aqui*”, “*ela está nervosa conosco*”, “*será que ela não entende que detestamos estar aqui?*”.

Sempre que saía da escola, eu tinha a sensação de que estava fazendo tudo errado e que não servia para dar aula. Mas eu busquei um último recurso para tentar mais uma vez com o oitavo ano. Na aula seguinte, eu não levei material didático, nem planejei atividade ou jogos, eu simplesmente pedi que eles fizessem uma roda e que me contassem o que eles achavam que eu deveria ensinar na disciplina de ciências ou o que eles tinham mais curiosidade em saber. Pela primeira vez eu vi todos os alunos ficarem em silêncio olhando para mim surpresos com a minha atitude. Nesse momento um aluno olhou para mim e disse: “*Professora, eu sempre tenho muito sono nas aulas, pois passo o dia aqui e*

*nunca acho nenhuma aula interessante, eu não sei se você pode falar sobre isso, mas seria legal para mim ter uma aula sobre sono*”, e isso foi puxando outros alunos a trazerem ideias do que queriam aprender, como “*porque temos cores diferentes*”, “*como as pessoas se apaixonam*”. Nesse momento a turma voltou toda a atenção para a discussão e, a medida que eu explicava e ensinava sobre cada uma das perguntas feitas, mais interesse eles tinham. Ao invés de eu conseguir a atenção deles, eles estavam conquistando a minha e fazendo com que eu tivesse prazer em estar ali com eles, justamente aquela turma que eu temia tanto quando lembrava que ia dar aula.

Nesse momento, durante essas aulas sobre assuntos que eles queriam saber e eu sempre buscava trazer, eu percebi uma ligação com aquela turma que me fazia sentir o que era ser professor. Que não é só passar conteúdo, nem ser o dono da sala, nem aquele que sempre tem razão e o senhor de todo o conhecimento, mas sim aquele que está disposto a ouvir seus alunos e entender o porquê que as aulas não estavam funcionando, buscar ouvir mais e impor menos. Depois desse dia, as aulas de regência foram fluindo em ambas as turmas, apesar de eu ter passado noites em claro planejando experimentos de física para o nono ano das aulas de Newton, temperatura e calor, eletricidade, e tentando equilibrar com aulas diversas no oitavo, que muitas vezes escolhíamos na aula anterior para ser ministrada.

Quando eu buscava ir atrás dos melhores procedimentos de



***“Eu percebi uma ligação com aquela turma que me fazia sentir o que era ser professor”***

ensino para turmas totalmente diferentes e com conteúdos diversos, eu tive um grande apoio da minha supervisora de estágio, que sempre estava disposta a me ajudar e auxiliar em qualquer coisa que eu precisasse como material didático, livros e até mesmo quando procurávamos juntas a melhor forma de trabalhar com as turmas. Sou completamente agradecida a ela, pois eu não sei se teria conseguido terminar esse estágio se não fosse a sua presença. Além disso, ela sempre me deixava à vontade na sala de aula, me confiando a responsabilidade pela turma. Na minha última aula, eu fiz um “dia de conversa” com ambas as turmas. O oitavo foi muito comunicativo, contaram como foi para eles a experiência do estágio e se eles mudariam algo se pudessem, e eles me surpreenderam com a seguinte resposta: “*Ouçá seus alunos*”. E isso me marcou, pois mudou totalmente a minha visão de sala de aula, pois aqueles alunos que considerei desinteressados, podem

estar só precisando de alguém que os escute e os entenda. E essa sensação eu vou levar até o fim da minha formação como professora. Já com o nono ano, a conversa foi um pouco mais focada no resultado da seleção do IFRN, pois muitos estavam desmotivados por não terem conseguido a aprovação. Nossa última aula foi baseada no EU POSSO, EU CONSIGO, EU SEMPRE SEREI MELHOR DO QUE SOU HOJE. Apesar de eu ter me apaixonado de primeira pelo nono ano, foi com o oitavo que eu senti todos aqueles sentimentos diversos de raiva, desespero, frustração, alegria, amor e satisfação. Eu conquistei o nono e o oitavo me conquistou. Ambas foram as melhores turmas que eu tive em todos os meus estágios, pois eu tive experiências diferentes em cada uma delas. Elas foram responsáveis por trazer a certeza de que eu realmente estou fazendo aquilo que quero e que gosto, e é possível ressignificar nossas primeiras impressões.

*“Eu realmente  
estou fazendo  
aquilo que  
quero e que  
gosto”*

